



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSÉ EZEQUIEL MARQUES DOS SANTOS

DONA CILA: MULHER INSPIRADORA (Cacimba de Dentro/PB)

**GUARABIRA - PB
2021**

JOSÉ EZEQUIEL MARQUES DOS SANTOS

DONA CILA: MULHER INSPIRADORA (Cacimba de Dentro/PB)

Trabalho de Conclusão de curso, na forma de artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira (PB), para obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa.

**GUARABIRA - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237d Santos, José Ezequiel Marques dos.
Dona Cila [manuscrito] : mulher inspiradora (Cacimba de Dentro/PB) / Jose Ezequiel Marques dos Santos. - 2021.
27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Mulheres. 2. Dona Cila. 3. Resistência. I. Título

21. ed. CDD 305.8

JOSÉ EZEQUIEL MARQUES DOS SANTOS

DONA CILA: MULHER INSPIRADORA (Cacimba de Dentro/PB)

Trabalho de Conclusão de Curso à Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduande.

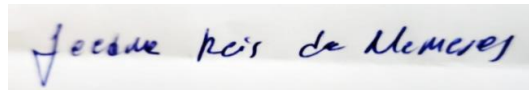
Área de concentração: Gênero e Etnia

Aprovado em: 14/10/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dr.ª. Susel Oliveira da Rosa (UEPB)
Orientadora



Prof.ª. Dr.ª. Joedna Reis de Meneses (UEPB)
Examinadora



Prof.ª. Dr.ª. Manuela Aguiar Damião de Araújo (UEPB)
Examinadora

**GUARABIRA-PB
2021**

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver,
mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e
ideias de hoje, experiências do passado”

Ecléa Bosi

A minha mãe que nunca mediu esforços e sempre esteve me apoiando ao longo da minha caminhada no espaço acadêmico. A minha namorada que sempre esteve me apoiando nessa caminhada, e a todos meus professores da instituição em especial a minha orientadora.

DEDICO-LHES.

Resumo

Falar sobre lembranças, recordar momentos é o que nos faz sentir vivos, e essas memórias são de forma direta ou indireta nossa própria história, de lutas, resistência, vitórias e derrotas. Relembrar e se manter vivo no futuro com nosso passado, recontando e se apropriando dele dia a dia, e fazendo recortes entre passado e presente é uma das variadas formas de recontar a história e como foi tentar recriar em nossa imaginação cada momento vivido, e assim através de resgates de memórias poder transferir essa história da nossa memória para a escrita, e assim manter essa memória viva não somente em nossa mente, mas também em um rascunho de papel. Esse trabalho retoma as lembranças de Dona Cila, minha mãe - a mim narradas - ao longo de parte de sua vida: quando ousou sair de casa, sem consentimento e ocupar espaços de trabalho pouco acolhedores para mulheres, na época. Registrar as lembranças de minha mãe é uma forma de agradecimento a ela. Escolhi essa temática pois relatos de momentos e fatos ocorridos e que podem ser rememorados através da história foram meu combustível principal para esse trabalho. Pesquisas bibliográficas e conversas com Dona Cila Sobre seu passado serviram para a elaboração do presente trabalho.

Palavras-chave: Mulheres. Dona Cila. Resistência.

ABSTRACT

Talking about memories, remembering moments is what makes us feel alive, and these memories are, directly or indirectly, our own history, of struggles, resistance, victories and defeats. Remembering and staying alive in the future with our past, recounting and appropriating it day by day, and making cuts between past and present is one of the many ways of retelling history and what it was like to try to recreate in our imagination each lived moment, and so through retrieving memories to be able to transfer this story from our memory to writing, and thus keeping this memory lived not only in our mind, but also in a draft of paper. This work takes up the memories of Dona Cila, my mother - narrated to me - throughout part of her life: when she dared to leave the house, without consent and occupy work spaces that were not welcoming to women at the time. Recording my mother's memories is a way of thanking her. I chose this theme because reports of moments and facts that occurred and that can be remembered throughout history were my main fuel for this work. Bibliographic research and conversations with Dona Cila About her past were used to prepare the present work.

Keywords: Women. Dona Silla. Resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 EM BUSCA DOS SONHOS.....	13
2 O SISAL.....	17
3 A CASA DE FARINHA.....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

“Sua mãe só não fazia chover”

1



Fonte: SANTOS (2021)

Quando sua avó diz “sua mãe só não fazia chover, mas ainda preparava o tempo”, já podemos imaginar como é essa mãe. Jucila Belo Barbosa, ou para os mais conhecidos e familiares, Dona Cila. Bom, mas quem é a Dona Cila? Natural de Cacimba de Dentro/PB, nascida no dia 11/01/1954, hoje com 67 anos de idade cheio história de resistência como mulher. Além de mais uma mulher que resistiu as lutas dentro de uma família rígida, ela é mãe de oito filhos, sendo que dois vieram a óbito e seis vingaram e graças a seu esforço e luta, muito bem-criados, por sinal. Desses seis filhos, três são homens: Edvanildo, Josivaldo e Ezequiel. E três são mulheres: Joseilda, Edvânia e Josivania, um casal de filhos do seu primeiro casamento, e outros dois casais do seu segundo casamento.

Hoje vejo no semblante de Dona Cila um olhar mais profundo, talvez das suas lembranças e de como hoje ela está orgulhosa por ter vencido barreiras

¹ DONA CILA AOS 53 ANOS. Período em que não estava mais trabalhando na casa de farinha, mas apenas como doméstica em casa de família.

de preconceitos, dentro e fora da família, resistir ao tempo e como ele foi duro com ela. Do campo entre colheitas de grãos para ajudar no sustento da sua família quando criança, até as lavouras de agave - o popular sisal, até casas de família, e também no trabalho em casas de farinha com a mandioca, contando com a ajuda das filhas.

As lutas diárias a tornaram uma mulher forte: exemplo para cada filho e filha, ela nunca hesitou em lutar quando se tratava de conseguir o sustento de cada um. Recordo muitas vezes ela contando sem guardar rancor o quanto apanhava da minha avó por errar em algo nas lavouras (roçado) ou por faltar na lavoura para estudar, e mesmo com tanta luta ela se sente orgulhosa pela criação que foi dada a ela, se sente orgulhosa da mãe que tem até hoje.

Lembro-me de minha avó falando que minha mãe sempre teve gênio forte, não esperava por ninguém, ela mesmo fazia, e mesmo quando não sabia tentava, sempre foi teimosa e isso vejo e herdo até hoje. Trabalhos considerados “de homens”, ela nunca hesitou em fazer. Puxar o agave era uma das poucas fontes de renda naquela época, e mesmo ela com dois filhos realizava essa tarefa. Lembro quando às vezes ela conta: “Eu levava seus dois irmãos pequenos para puxar agave, chegando lá forrava uma estopa no chão e passava a madrugada puxando agave e olhando eles.”

Já no seu segundo casamento com meu pai seu segundo companheiro ²teve mais filhos, mesmo com alguns vindo a falecer, as lutas continuaram, a casa de farinha ajudava na renda de casa, e junto com ela estavam minhas duas irmãs mais velhas. Mesmo resmungando minha mãe me levava, para ajudar e ganhar o dinheiro delas. Recordo minha mãe dizer uma vez que sentia um desgosto, pois quando recebia o dinheiro minhas irmãs não ficavam com nada pois tudo vinha para dentro de casa para o sustento da família. Posso imaginar como é duro e árduo, ser mãe, é acima de tudo ser uma fortaleza em um corpo de mulher, suportar tanta coisa e mesmo assim nunca desistir, se reerguer todos os dias para o mundo e dizer “eu posso e eu consigo”.

Será a partir das lembranças do passado que podemos trazer à tona um novo cenário para conectar passado com presente e assim tornar-se de

² Segundo relacionamento de Dona Cila “Marido” com quem teve quatro filhos. Edvânia, Edvanildo, Geilda, Ezequiel.

forma mais ampla, como foi o cenário que marcou a vida de dona Cila. E a partir das reflexões de Spiga (2016) com base em Benjamin (1987) e a experiência rememoração de um passado árduo e cheio de desafios e dúvidas, que hoje pode-se contar um pouco da história da mulher que minha mãe se tornou.

Por mais que esse passado seja cheio de recortes, muitos deles incompletos, são nessas lembranças e recordações que me apego e posso registrar sua história, e ao mesmo tempo encontrar uma forma de recontar essa história seja ela de lembranças, através de relatos e lembranças vagas e as vezes tristes. Segundo Spiga (2016)

Esse passado incompleto pede para ser libertado de sua incompletude e nossa tarefa é reivindicar as batalhas daqueles que nos precederam, tornando-as nossas. Devemos dar uma chance ao passado. Nesse sentido, a abertura do passado e a abertura do futuro coincidem. (BENJAMIN, 1987, p. 223. Apud SPIGA, 2016, p. 168)

Poder contar um pouco sobre a vida da minha mãe não é apenas tomar as batalhas que ela vivenciou para mim, mas dar uma nova chance de abrir um passado cheio de resistência e conquistas e trazer tudo isso para meu futuro, pois contar cada detalhe da história dela é contar minha própria história. Será a partir das reflexões e experiências de Bosi (2012) *in*: Lobato (2016), Benjamin (1997) *in*: Spiga e Chimamanda Ngozi Adichie (2012, 2014), que irei fazer pontes de conhecimento sobre memórias e como poder reconstruir através do ato de lembrar de momentos de Dona Cila, e assim podendo desenvolver uma escrita rica em detalhes reconhecendo que as lembranças sempre estarão em nossa memória.

Enriquecer esse artigo através do estudo dos autores citados é uma forma de recriar não só momentos passados de Dona Cila, mas é poder realizar uma viagem no estudo do tempo no mesmo momento em que usamos lembranças para fazer história.

Não apenas citando momentos e sim criando ligações desses momentos com as reflexões e pensamentos dos autores, destacando não apenas a função de recriar uma história ou momentos, mas destacar também o valor das

mulheres na sociedade em que a exclusão e a desigualdade precisam ser enfrentadas.

Mantendo o foco não apenas na arte de recriar esses momentos através da escrita, mas com o poder de escrever buscando criar uma crítica que seja produtiva e se aproxime da realidade de muitas outras mulheres a exemplo de Dona Cila.

Preciso registrar aqui que meu lugar de fala será o de filho de Dona Cila - um “escutador” e testemunha de parte de sua trajetória. Filho mais novo, o caçula de oito filhos, ouço e acompanho desde criança a trajetória de Dona Cila e seus relatos sobre suas memórias e lutas. Meu olhar está impregnado desse lugar - que também é o lugar do masculino em nossa sociedade.

1.1 EM BUSCA DOS SONHOS

A SAÍDA DE CASA

Não é de hoje que podemos perceber que com o passar dos anos a vida faz com que busquemos algo melhor para nós mesmos, e também não é de hoje que podemos ver um constante fluxo de pessoas que se deslocam das suas casas rumo ao mundo que muitas das vezes só sabemos como é por comentários de outras pessoas, ou por rádio e televisão.

É em este desbravar do mundo que ao longo do tempo pessoas largam tudo, deixando família e tentando uma vida melhor, não apenas para si mesma, mas para a família que deixou para trás em outra cidade. Sonhando com uma vida melhor, fora do sofrimento do campo e da vida dura nas lavouras, muitos jovens como disse logo acima, largam tudo em busca do novo mundo e uma nova vida.

Mas nesse capítulo venho contar sobre uma mulher, que mesmo diante de um mundo imenso nunca deixou de sonhar, nunca deixou de correr atrás de seus sonhos, e mesmo que esses sonhos possam ter custado caro. Aos 15 anos de idade minha mãe - Dona Cila - saiu de casa pela primeira vez para desbravar o mundo, contemplar tudo aquilo que nunca viu e enfrentar sem medo e com força de vontade todas as provas que o mundo tende a ensinar.

Com a pouca idade e o lugar destinado às mulheres na sociedade de então, sua saída não foi uma das melhores, pois foi escondida da minha avó a quem minha mãe tanto temia. Ao relatar sobre sua saída, ela fala que se minha avó soubesse jamais teria deixado, até porque ela não deixava nem minha mãe estudar, quanto dirá viajar para longe. Enfim, escondida minha mãe saiu de sua terra natal, Logradouro - zona rural de Cacimba de dentro/PB, e foi em busca de seus sonhos na capital João Pessoa.

Assim como muitas mulheres, seu primeiro emprego foi em uma casa de família, deixando de lado a vida nos campos e agora uma nova fase se inicia em sua vida, um novo mundo, tudo era novo desde as pessoas até os lugares. Enquanto ela estava buscando seus sonhos, minha avó ficou explodindo de raiva, lembro dela afirmar que dizia “não quero ver ela nunca mais na minha porta”. Até hoje eu me pergunto: será que ela estava com raiva por conta que minha mãe saiu de casa, ou por ter saído às escondidas?

Aos poucos tudo foi se acalmando, raivas e tristezas vão passando e o pouco ou muito minha mãe vai ganhando seu próprio dinheiro, pela primeira vez pôde dizer que era uma pessoa que podia comprar suas próprias coisas com seu suor e sem precisar pedir a ninguém. Muitas das vezes ela falava que sentia saudades de casa, tinha vontade de vir visitar, mas como já sabia do recado que minha vó tinha mandado para ela só restava a ela continuar correndo atrás dos seus sonhos. Lembro que ela falava que tinha vontade de sair, mas só não podia pois não conhecia nada, e se fosse sair tinha que ser com alguém da casa da família que ela estava trabalhando. Muitas das poucas vezes que saía, era sempre acompanhada por alguém responsável e sempre um homem, mesmo que fosse duas mulheres sempre iria um homem acompanhando, era como se ela estivesse saída de uma prisão e tivesse entrado em outra. Quando ela toca nesse assunto me faz lembrar um pouco de Chimamanda, ao narrar a vida em sua cidade natal:

Em Lagos, não posso ir sozinha a muitos bares e casas respeitáveis. Mulher desacompanhada não entra. É preciso estar com um homem (CHIMAMANDA, 2012, p. 22)

Mas como ela mesmo falava, estava na casa dos outros, então só restava aceitar e cumprir seu trabalho, e sua vida continuava “normal”. Com o

passar do tempo ela foi se adaptando e começou a conhecer não só novos lugares como também novas pessoas. Mexer com lembranças tão passadas muitas das vezes nos faz imaginar tudo aquilo e se colocar no lugar da pessoa que está trazendo à tona todas as suas lembranças e recordações, sendo que:

A lembrança revela o que foi empobrecedor e o que foi enriquecedor, e revela, sobretudo, aquilo que marcou nossa experiência de vida. Períodos marcantes são trazidos com seus pormenores, demandam esforço do depoente para lembrar-se dos acontecimentos, das pessoas, das datas e dos lugares. É esse árduo esforço que Bosi (1994) denomina trabalho da memória: “a memória... é trabalho” (p. 55) (SILVA, 2016, p. 69)

Momentos que nos trazem lembranças sejam elas boas ou ruins fazem parte da vida de qualquer pessoa, resistir e superar todas essas lembranças e poder fazer esse resgate de acontecimentos hoje é o que faz as pessoas serem fortes, assim como Dona Cila. Ao continuar a falar da sua vida na capital João Pessoa ela fala sobre outro momento que foi marcante: quando conheceu seu primeiro companheiro³. Como ela relata, diz que não chegou a casar, o conheceu e teve seu primeiro filho.

Logo com a gravidez teve que largar seu precioso emprego e mais uma vez interromper seus sonhos. Ela recorda que tinha entre dezoito e dezenove anos quando resolveu voltar a morar de volta no interior. Só que não para casa da minha avó. Questionei se ela tinha perguntado a minha avó se poderia voltar, ela afirma que apenas mandou o recado que estava voltando, mas com receio e medo da reação da minha avó ela foi viver sua própria vida e construir sua própria família.

O trabalho duro estava de volta, mas os sonhos permaneciam vivos. Ela relata que mesmo com o filho ainda pequeno, o levava com ela para o campo já que não tinha com quem deixar, e ali ela fazia o trabalho e ao mesmo tempo ficava de olho no filho. Algum tempo depois ela tem mais uma criança, dessa vez uma menina, e mesmo diante de uma vida difícil ela jamais hesitou em criar cada filho, ela relata que quando teve a menina também a levava junto

³ Primeiro relacionamento de Dona Cila “Marido” com quem ela teve dois filhos Josivaldo e Josivania.

com ela para o campo pois minha avó ainda estava com desgosto. Como os costumes da época era que todo casal de namorado tinha que casar, minha avó não aceitava de bom grado o fato dela ter filhos em um relacionamento sem casamento.

A cada relato de detalhes ela sorri. Hoje posso imaginar ela relembando e fico feliz em ver ela sorrindo com fatos e lembranças tão árduas e tristes, pois para uma mulher passar por tudo isso e relatar de forma alegre e com um semblante feliz no rosto é sinal que mesmo diante de tantas atribuições e experiências do passado sejam eles, recortes falhos de lembranças ou lembranças nítidas é uma forma de perceber que tudo aquilo já passou e hoje ela é uma vencedora. Nem sempre podemos resgatar ou contar de forma clara e rica em detalhes todo nosso passado, Lobato (2016), citando Bosi chega a essa afirmação quando diz que:

A memória busca resgatar o passado. Contudo, é impossível resgatá-lo fielmente. Existem lacunas e perdas. Para Bosi (1994, p. 55), “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado”. A lembrança é uma imagem construída pelas referências que estão à disposição, no conjunto de representações que povoam a consciência atual. Sendo assim, a memória individual não está isolada, ela toma pontos externos aos sujeitos como referências. (BOSI, 1994, apud LOBATO, 2016)

Quando Lobato reafirma que é impossível fazer esse resgate fielmente é algo que podemos dizer que nem tudo que aconteceu vai ser lembrado e relembado em um certo momento quando alguém vai relatar sua história e seu passado. Dona Cila afirma que se ela trouxe filhos ao mundo, a responsabilidade era dela de cuidar e zelar. Com o tempo os dois filhos vão crescendo e ela já pode deixar a filha cuidando do irmão enquanto ela acordava na madrugada para deixar o leite pronto e sair ainda no escuro da noite para as lavouras de sisal ⁴- o popular agave. Trabalhar para dar de conta dos seus dois filhos e dela.

⁴ Nome dado a uma planta e às fibras que essa planta produz. Fonte: <https://www.dicio.com.br/sisal/>

Mesmo nas lavouras ela relata que trabalhando lá estava com o pensamento em casa nos dois filhos, dizia que dava graças a Deus chegar a hora de voltar para poder voltar a cuidar de cada um. E sobre o seu companheiro⁵ que disse que voltava na segunda-feira daquele ano. E após anos passados ele veio aparecer justamente em uma segunda-feira. Só que no dia 20/09/2012, quase como uma ironia do destino. Veio visitar um dos filhos, após tanto tempo sem sequer mandar notícias. Porém minha mãe não faz questão de ver ou ter contato nenhum com ele.

Hoje é uma mulher rica em conhecimentos e valores que só ela e os filhos entendem, a forma dela resistir a cada fase dura da sua vida lhe fez forte assim como muitas e muitas mães donas de casa que criam seus filhos com o suor de seu rosto, e põe em prática e mostram para a sociedade e para a família que muitas vezes é tão regrada e costumes que, para ser mãe e mulher não precisam de homens ao seu lado, mas sim de coragem e persistência para lutar pelos seus sonhos e os sonhos de cada filho (a) e assim construir uma família forte e resistente às provas da vida.

2 O SISAL

Fazer da nossa memória um arquivo em que podemos guardar cada momento de nossa vida é algo magnífico a ser estudado e trabalhado, e entrando nas recordações e nas memórias de Dona Cila, é que esse capítulo vai trazer um pouco de suas caminhadas. Recordando essas memórias destaca-se a força e resistência da mulher em um cenário muitas vezes machista e preconceituoso.

Quando se faz o uso das memórias para recriarmos uma história de vida ou de um determinado período na vida de uma pessoa, é de fato uma reconstrução daquele passado. Reconstruir esses momentos com apenas relatos resgatados do fundo do arquivo de nossas mentes e assim poder fazer desses relatos histórias, é de uma forma ou de outra, manter todas essas memórias vivas em forma de escrita. Fazendo assim um passado vivo no presente e até sendo otimista, um passado vivo no futuro.

⁵ Primeiro relacionamento de Dona Cila “Marido” com quem ela teve dois filhos

Pois quando o passado é escrito não fica mais guardado apenas na memória, mas sim no papel ou em qualquer outro arquivo digital, e assim a cada leitura, um novo arquivo se cria na mente e mantém aquela escrita viva. Nessa mesma linha de pensamento está Rosa (2019), inspirada em Glória Anzaldúa, ao expressar a importância da escrita citando que:

Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel [...] eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita (Anzaldúa, 2000, p.233-235. Apud. ROSA, 2019, p. 236)

De uma forma bem direta a autora destaca uma forma de manter viva não somente a escrita como também através dela as memórias das mulheres, pois mantendo viva a escrita está mantendo viva a história. E ao longo desse tópico, me esforço em manter viva as memórias de Dona Cila, desde cenário do sisal até a Casa de Farinha trabalhando raspando mandioca junto com duas de suas filhas (Geilda e Josivania). Pois foram momentos que marcaram a vida delas e posso imaginar que marcaria a memória de qualquer mãe ou mulher.

Trazendo isso para esse artigo e relacionando ele com a história de Dona Cila, posso redefinir que as centelhas do seu passado estão bem guardadas mesmo que com seus 67 anos de idade, ela mantém esse passado vivo e quando tocamos em algum assunto sobre determinada ocasião em sua vida, ela já acompanha. Sendo que o censor “tempo” não apagou suas memórias nem seus momentos vividos, e o tempo também não foi capaz de abafar ou fazer Dona Cila esquecer essas memórias ricas em detalhes e momentos em que somente ela sabe como ocorreu.

Imaginando qual dos dois era mais árduo e difícil para ela, cheguei a interrogá-la, qual era o mais difícil e que ela trabalhava mais? Ela respondeu: “no agave era bem mais trabalhoso, pois eu tinha que além de trabalhar e tentar acompanhar os outros, tinha que olhar seus irmãos que não tinha quem ficasse com eles”.

Com essa resposta eu me questioneei, e voltei a interrogá-la. E quem eram esses outros? Ela responde: “ah, meu filho de mulher só tinha eu, sua tia, e uma ou duas, o resto era mais homem”. E pergunto novamente. Esses

homens eram os irmãos da senhora? Ela responde: “tinha irmão, tios e até seu avô estava no meio. O trabalho era pouco naquele tempo, então o que aparecia quase todo mundo queria. Era como a gente arrumava um tostão para viver”.

Com essas respostas posso fazer uma conexão com o trabalho de Mariângela Vasconcelos Nunes (1997): “Tempos de Ouro e “adeus às ilusões”: Histórias e sensibilidade na cultura do sisal”. O artigo retrata bem a trajetória do sisal e como ele foi uma importante fonte de renda. Vale também salientar que ao longo do artigo só é citada a presença do trabalho feminino apenas uma vez, ajudando seu companheiro.

Com as perguntas feitas e as respostas obtidas, me comparei com a leitura do trabalho anteriormente citado e as respostas de Dona Cila e a questioneei novamente. A senhora recebia o mesmo valor que os outros? Ela com um tom irônico sorrindo disse: “bem queria, quem trabalhava com o motor era quem ganhava mais, a gente mulher só puxava e estendia para depois apanhar todo aquele agave ⁶que ficava pendurando nos arames”.

Vejo com as respostas dela e posso me imaginar num mundo de desigualdades de trabalho e capital, isso é algo que não é de agora, e não vai mudar em pouco tempo na sociedade em que presenciamos todos os dias. Quando me deparo com esses relatos vêm logo em minha mente Chimamanda, quando ela cita que:

Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de uma maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. (CHIMAMANDA, 2012, p. 20)

Inovar é um dos diferentes atributos que muitas mulheres têm, dessa forma, muitas delas inclusive Dona Cila foram se mantendo e se adequando

⁶ Planta originária da América Central, cultivada nas regiões quentes, que permanece muitas dezenas de anos em estado vegetativo para florescer uma única vez. Nome vulgar: piteira, pita. Fonte: <https://www.dicio.com.br/agave/>

em uma sociedade cheia de imperfeições, e que muitas delas quando se trata de ideias de gênero deixa muito a desejar

Com dois filhos pequenos e sem ter com quem os deixá-los, estavam presentes nos campos de sisal, Dona Cila conta através de suas lembranças que não podia deixar os filhos só, então quando os levava aos campos, forrava uma estopa ⁷e passava a madrugada se dividindo entre o sisal e seus filhos. Até chegar o momento da volta para casa.

Pesquisando um pouco sobre essa forma de trabalho, descobri que era muito comum no Nordeste pelo fato de poucas chuvas e alguns municípios o sisal era produto de renda de muitas famílias assim como o algodão. É como a escassez de trabalho era muito alta, o que viesse para contribuir com a renda familiar era bem-vindo.

Apesar que essa renda não era tão alta, mas dava para garantir a sobrevivência. “Eram tempos difíceis ninguém tinha dinheiro, era tudo pouco começando pelo trabalho, até para comer, a gente dava graças a deus ter o almoço e janta todo dia” e assim Dona Cila recorda esses momentos de seu passado reconstruindo um pouco de suas lembranças. Podemos compreender que a vida não era simples, principalmente para ela como mulher em cenários que a grande maioria eram homens.

Quando Dona Cila recorda suas memórias percebo que a grande maioria delas são de momentos de trabalho, é fácil de notar que sua vida enquanto jovem não era simples pelo fato constante do trabalho. Diferente de algumas jovens de dias atuais. Uma rotina de estudos ou um trabalho por assim dizer “simples” que não fosse tão forçado e puxado. Nesse contexto de relação entre pessoa e trabalho e o quanto esse trabalho fica marcado em nossa memória em forma de lembrança, muitas vezes boas outras vezes ruins, porém são lembranças que são arquivadas em nossa mente.

Trazer de volta esses momentos sejam eles difíceis ou fáceis, alegres ou tristes, fazem parte da memória de qualquer ser humano. Poder recordar memórias vividas é o que nos faz sentir vivos. Quando relembremos momentos em que por mais que fossem duros, mas eram momentos nossos e hoje são

⁷ Parte mais grosseira de filação de cânhamo ou de linho, usada geralmente para serviços de limpeza. Fonte: <https://www.dicio.com.br/estopa/>

inesquecíveis, e muitos desses momentos estão relacionados ao nosso dia a dia. Tomando o trabalho como exemplo, o laço afetivo de não apenas recordar, mas poder saber fazer aquela tarefa mesmo após tantos anos é um dos segredos que o trabalho se torna um laço afetivo não pelo fato de recordar o momento, mas pelo que ele deixou guardado no corpo e na mente. Nesse sentido, Lobato (2016), diz que:

Sobre a memória do trabalho, Bosi (1994) afirma o quanto os entrevistados, principalmente os que já não trabalham, trazem um laço afetivo muito forte ao ofício em seus detalhes e segredos, quando o fazer passa a ser o seu próprio lembrar. Para a autora, o trabalho envolve “os movimentos do corpo penetrando fundamente a vida psicológica” (LOBATO, 2016, p. 70)

3 A CASA DE FARINHA

E não apenas do sisal Dona Cila trabalhou, já fora da casa de sua mãe e morando com seu segundo marido na cidade de Cacimba de Dentro/PB com a falta de trabalho formal como de costume, ela acaba entrando em um novo mundo, o da produção de farinha de mandioca. Situada em Cacimba de Dentro/PB, a Casa de Farinha de Zezé Moreira (um dos grandes senhores de terras da região) era responsável pela produção de goma de mandioca e da farinha de mandioca.

Até hoje uma das poucas Casas de Farinha a produzir farinha e goma, além de produzir para a cidade revender para outros municípios da região e uma coisa que vale destacar, além da produção continuar manual e com maquinário, algumas dessas máquinas são as mesmas do período em que Dona Cila trabalhou.



8

Fonte: SANTOS (2021)

Essa Casa de Farinha foi responsável por um grande número de empregos, entre mulheres e homens, as mulheres ficavam responsáveis por raspar a mandioca para o processo tanto da goma quanto da farinha. Em meio a essas mulheres estava Dona Cila e suas duas filhas, Geilda e Josivânia. Juntas trabalhavam buscando renda para dentro de casa, vale salientar que, as filhas só ajudavam após a escola. “Nunca deixaram de estudar para trabalhar, primeiro vem os estudos, depois aparece o trabalho”, afirma Dona Cila.

Como em qualquer Casa de Farinha, era bem simples a produção e mão de obra artesanal, porém exigia o auxílio de algumas máquinas. A responsabilidade das mulheres era principalmente a raspagem da mandioca. O restante dos trabalhos que exigiam um esforço maior ficava com os homens e, em outros trabalhos, eram usadas máquinas essas que estão lá até hoje.

⁸ Imagem da frente da casa de farinha de Zezé Moreira. Situada em Cacimba de Dentro – PB. Foto tirada 05/09/2021.



9



Fonte: SANTOS (2021)

Essa Casa de Farinha assim como outras espalhadas nos municípios de interior da Paraíba eram uma fonte de renda para muitas famílias, pois nelas trabalhavam não só pai e filho, ou mãe e filha, mas muitas vezes todos e todas de uma mesma casa, com isso era gerando uma renda extra para cada família e assim empregos indiretos para aquele município além de garantir uma segurança alimentar para todos que faziam parte desse trabalho, como afirmam os autores:

[...] a produção de mandioca atua como uma “atividade amortecedora” em dois aspectos: contribui para a segurança alimentar das famílias no meio rural e apresenta-se como atividade com potencial para gerar renda, podendo ser comercializada in natura ou industrializada (farinha, fécula, mandioca chips etc.). (OLIVEIRA et al. 2019, apud DENARDIN, 2009, p. 1038)

Como podemos perceber além de variadas formas de comércio, a mandioca gera renda e garantia de subsistência entre as famílias que estão dependendo desse trabalho. Ao destacar sobre a questão do capital e como

⁹ A imagem mostra uma prensa hidráulica usada para embalar goma em sacos. A imagem seguinte mostra o moedor de farinha e massa de mandioca. Ambos equipamentos usados até hoje na casa de farinha de Zezé Moreira em Cacimba de Dentro – PB. Foto tirada em 05/09/201

era o pagamento de quem estava exercendo funções dentro das Casas de Farinha, perguntei a Dona Cila como era o pagamento de quem trabalhava nelas? Respondeu que: tanto ela como as demais mulheres que trabalhavam na Casa de Farinha não recebiam um valor certo.

E sim ganhavam por produção, quanto mais raspavam mais recebiam. Dividiam isso em balaio¹⁰, quem raspasse mais balaio era quem ganhava mais. Ela recorda que acordava umas 3 horas da manhã para fazer café e deixar para os filhos que saíam para escola mais tarde quanto mais cedo chegasse na Casa de Farinha, mais balaio raspava e mais recebia.

Mas não eram apenas só as mulheres raspando grande quantidade de mandioca, até porque a demanda era alta e por mais que fossem muitas pessoas raspando, não era suficiente. E a ajuda muitas vezes vinha das máquinas, algumas Casas de Farinha já eram um pouco mais industrializadas e possuíam alguns equipamentos que auxiliavam nessa produção. De modo que não era feito tudo pela mão das pessoas.

¹⁰ Cesto de palha, geralmente em forma de alguidar. Fonte: <https://www.dicio.com.br/balaio/>

11



Fonte: SANTOS (2021)

Muitos desses maquinários não existiam em pequenas Casa de Farinhas nas zonas rurais, era tudo feito à mão, desde a coleta da mandioca até o ponto da farinha. Muitas dessas Casas de Farinha, principalmente dos interiores quando era uma época boa de colheita, comemoravam com uma farinhada: juntavam a família e produziam farinha de mandioca para distribuir entre os familiares.

Junto a essas relações entre familiares podemos destacar uns laços de amizades e familiar, principalmente entre movimentos rurais de produção de matéria prima, no caso podemos citar a mandioca que através dela que podemos chegar até a produção da farinha. Oliveira, Santos e Zuliani (2019), afirmam que:

Na zona rural do Sertão, as comunidades, as redes de proximidade, as relações familiares e interfamiliares, as prestações de ajuda mútua constituem formas de relacionamento e de organização ainda reguladas pela reciprocidade camponesa (SABOURIN, 1999, p. 44, apud OLIVEIRA, SANTOS e ZULIANI, 2019, p. 66)

Podendo comparar essas relações familiares com a família de Dona Cila, é possível afirmar que a reciprocidade que tinha de suas filhas que a ajudavam todos os dias: não só reconhecendo o trabalho e o esforço da mãe,

¹¹ Na imagem, temos a foto de uma raspador e lavador de mandioca. Na imagem seguinte temos a foto do forno de barro a lenha onde era torrada a farinha com ajuda de um misturador industrial. Foto tirada em 05/09/2021.

mas aprendendo com ela, dia após dia estavam ali junto. Herdaram o que aprenderam com a vida e com Dona Cila.

Hoje posso imaginar o orgulho que umas possuem da outra. Dona Cila, como mãe por ver suas filhas criadas e suas filhas por poderem ver tudo o que aprenderam com sua mãe, lutando e resistindo juntas nos trabalhos do dia a dia. Nesse contexto do lugar das mulheres nesse cenário das Casas de Farinha, Oliveira, Santos e Zuliani (2019) representam e retratam bem a condição das mulheres:

Sena (2006) evidencia que, a participação feminina é legitimada apenas em parte do processo, não sendo reconhecida sua atuação nas demais etapas de produção, principalmente no momento da comercialização da farinha que é tarefa do homem, assim como administração da renda obtida, que fica nas mãos do patriarca. O que mostra a necessidade de investigar questões de gênero no campo, sendo perceptível que ainda está muito evidente uma separação de atribuições consideradas “coisas de homem” e “coisas de mulher”. (SENA 2006. Apud OLIVEIRA, SANTOS, ZULIANI, 2019. p. 66)

Como afirmam as autoras acima, ainda são muitas as questões para rever nesse trabalho. Contudo, Dona Cila não se intimidou e se inseriu nesse espaço de trabalho, para ela não havia trabalho de homem ou trabalho de mulher. Ela ocupou o espaço de ambos, sendo tudo para todos os filhos, uma verdadeira matriarca.

Questionar essa questão do capital financeiro dos ambientes familiares é algo que se arrasta por séculos, pois muitas vezes quando ambos trabalham e ganham cada uma sua renda, mas quem fica responsável muitas das vezes em como vai ser gasto ou como administrar essas rendas, é o homem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

12



Fonte: SANTOS (2021)

Uma das coisas que admiro das qualidades de Dona Cila, é que em tantos e tantos momentos difíceis ela nunca deixou faltar nada para todos os filhos e filhas. Ou pouco ou muito sempre tinha, e algo que também tenho orgulho é como ela foi rígida com a educação de cada filho. Nunca foi uma mãe ausente na educação de cada um, mesmo trabalhando em casas de famílias sempre chegava em casa e procurava saber se a gente tinha aprontado ou se tinha acontecido algo.

Quando lembro no período em que ela trabalhava na casa de família aqui que pedia para a gente não estar indo vê-la com medo dos donos da casa brigarem. Hoje tenho orgulho, pois mesmo com a ação do tempo por onde ela passou deixou sua marca, seu reconhecimento não só pelo seu trabalho, mas pela sua luta, por ser resistente como mulher, como mãe e depois como pai.

Quando meu pai veio a falecer ela ocupou os dois papéis, as dificuldades aumentaram, mas isso não amedrontou Dona Cila, até porque ela já era uma guerreira. Terminou de criar cada filho e filha, educou, ensinou e

¹² FOTO ATUAL DE DONA CILA AOS 67 ANOS DE IDADE.

todo dia ensina tudo que qualquer pai e mãe ensinariam a seus filhos, é não é me gabando não, mas talvez, até melhor.

Vi ao longo do tempo ela fazer trabalhos ao meu lado que eram considerados serviço para um homem, e ver minha mãe fazendo só me enchia de orgulho, poder estar ali aprendendo tudo. O que ela não sabia tentava e buscava aprender.

Hoje a vejo com o corpo mais lento, porém não para quieta. Depois que percebi quando minha avó diz: “tua mãe só não faz chover, mas ainda prepara o tempo”, faz referência ao que considera teimosa e o gênio forte, que fazem com que ela seja uma mulher que não desiste e resiste, pois, a resistência é o que a fez ser a mãe e a mulher que todos os filhos tem como exemplo.

REFERÊNCIAS

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **Sejamos todos feministas**. Companhia das Letras, São Paulo. 2021, 2014.

LOBATO, Vivian da Silva. **Educação, Memória e História**: Possíveis enlaces. Revista Margens, 2016.

OLIVEIRA, Renata Lima. SANTOS, Jaqueline Sgarbi. Zuliani, Daniele Queiroz. **Casas de Farinha**: Resistência e tradições no maciço do Baturité. Revista GeoNordeste, São Cristovão, ano XXX, n.2, Edição Especial, p. 59-73, jul./Dez. 2019.

ROSA, Susel Oliveira de. **Não deixem a tinta coagular em suas canetas**: por uma escrita orgânica. UFPB – João Pessoa. 2019.

SPIGA, Deborah. O **passado como memorização e redenção em Walter Benjamin**. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA, v. 20, n. 3, p. 164-181, outubro, 2020.

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. **Tempos de ouro e “adeus às ilusões”**: histórias e sensibilidade na cultura do sisal. Saeculum, Jan/Dez 1997.

<https://www.dicio.com.br/sisal/>

<https://www.dicio.com.br/agave/>

<https://www.dicio.com.br/estopa/>

<https://www.dicio.com.br/balaio/>